

## A PRÁTICA DE *BINGE DRINKING* ENTRE UNIVERSITÁRIOS: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA

Gleison Alves Barbosa<sup>1</sup>; Ricardo Moisés dos Santos<sup>2</sup>; Leconte de Lisle Coelho Junior<sup>3</sup>

Faculdade Uninassau - Campina Grande - <sup>1</sup>gleison2013\_cg@live.com, <sup>2</sup>ricardomoisespsi@gmail.com,  
<sup>3</sup>lecontecoelho@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, objetivando compreender os problemas ocasionados pelo uso de bebidas alcoólicas entre universitários, atrelado a prática de *binge drinking*. O *binge drinking* pode ser traduzido como “beber episódico pesado”, ou seja, é constatado quando o sujeito bebe excessivamente em uma única ocasião. A revisão bibliográfica foi realizada nos bancos de dados em artigos encontrados no site do Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e livros, os bancos de dados online foram SciELO, PubMed e PePSIC, foi dado ênfase as pesquisas que utilizavam o AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*), instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para rastreamento e classificar consumo de álcool. Adotou-se este procedimento de restrição do AUDIT para não haver interferência de resultados estatísticos associado a instrumentos. Este estudo colocou em evidência as consequências da prática do *binge drinking* entre universitários, nos quais podemos concluir que mesmo sem a existência de uma dependência, o consumo pesado de álcool durante uma noite pode ocasionar prejuízos físicos, envolvimento em acidentes, intoxicação aguda e problemas pessoais. O *binge drinking* entre universitários é caracterizado como um problema de saúde pública na medida em que representa riscos para usuários e sociedade. Desta maneira, sugere-se futuras estratégias educacionais de intervenções preventivas voltado a população de universitários da área de saúde.

**PALAVRAS CHAVES:** *Binge drinking*, Alcoolismo, Universitários, População em Risco.

### INTRODUÇÃO

Relativo ao uso de bebidas álcool em atividades de lazer, é possível afirmar que essa prática é bastante comum principalmente no público jovem incluindo os universitários, no entanto o uso ocasional prolongado pode desenvolver a dependência química, segundo a *American Psychiatric Association* (2014) essa condição é caracterizada como uma preocupação incontrolável de usar determinada substância independentemente de suas consequências psicológicas, sociais e ocupacionais.

Segundo Fagundes (2016), as drogas são definidas como quaisquer substâncias de origem natural ou sintética, lícitas ou ilícitas que podem alterar o estado psicológico ou físico do sujeito, geralmente com finalidades recreativas ou medicinais. Quanto a sua classificação, podem ser descritas como depressoras quando provocam efeitos inibitórios nas atividades do sistema nervoso central, estimulantes quando induzem aumento das atividades cerebrais, e por fim, as drogas perturbadoras seriam aquelas que provocam alucinações geralmente visuais (ZANELATTO; LARANJEIRA, 2013). Destacam-se como padrões de consumo alcoólico, além da dependência, o *binge drinking* e uso nocivo, o primeiro provoca um estado agudo e transitório de alterações da consciência, o uso nocivo gera prejuízos psicológicos, físicos e econômicos, para o usuário e para pessoas próximas incluindo a sociedade (MEDONÇA *et al.*, 2018). O termo *binge drinking* pode ser traduzido como “beber episódico pesado”, ou seja, é constatado quando o sujeito bebe excessivamente em uma única ocasião. E este padrão de consumo tem sido muito evidenciado na população de universitários, incluindo da área de saúde.

A própria sociedade é produtora de espaços que estimulam o uso de bebidas alcoólicas, podemos citar as letras de músicas, datas comemorativas como *reveillon* onde o *champagne* se insere, clips, filmes, propagandas que são marcadas com elementos de felicidade associadas a ambientes de lazer acompanhados do consumo de álcool, e consequentemente através dessas interações o sujeito adere a uma subjetividade que prestigia o consumo de álcool.

Segundo Amaral e Góis (2008) o consumo de álcool e drogas na sociedade está atrelado a hábitos, costumes e significados que passaram por um percurso histórico na sociedade. O álcool, tabaco e maconha a princípio eram utilizados em situações específicas como cerimônias e rituais religiosos, porém com passar do tempo e sua popularização, o consumo destas substâncias passaram a ser mais acessíveis, e cada vez mais utilizadas no cotidiano, dispensando ocasiões especiais (SOUZA, 2014). Na atualidade, o álcool é mais presente em situações de lazer, o significado do lazer é definido como atividades que estimule o prazer visando obter uma satisfação pessoal através do descanso, distração, divertimento sem responsabilidades, geralmente envolvido com amigos, familiares ou individualmente (CAMARGO; BUENO, 2003).

Embora se perceba o número de novas substâncias psicoativas na sociedade, como a *Salvia Divinorum*, Fentanil, Metilona, e adulterações

das já existentes, dados do ministério do Relatório Brasileiro Sobre Drogas, assim como a pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) apontam que o álcool é a drogas mais consumida em atividades de lazer (DUARTE, 2009; PULCHINELLI *et al.*, 2012; CALADO, 2013; MARTINS; VALENTE; PIRES, 2015; IBGE, 2015). Além disso esse cenário é bastante complexo e antagônico percebe-se que a indústria estimula o consumo de bebidas alcoólicas e previne “se beber, não dirija”, porém, os problemas ocasionados pelo uso de bebidas alcoólicas não se restringem apenas ao dirigir.

O uso de drogas na sociedade vem crescendo a cada ano, juntamente com essa prática ocasionando vários problemas à usuários como abandono de estudos, problemas familiares, laborais, conjugais, envolvimento com violência e criminalidade (CAPISTRANO *et al.*, 2013). Além disso, gerando vários impactos econômicos com saúde, justiça, acidentes, violência e mortes prematuras, destacando-se como um grave problema social (BARROS *et al.*, 2008). Neste cenário, ainda se pode enfatizar os transtornos mentais e comportamentais relacionados ao uso do álcool, intoxicação aguda e a síndrome da dependência (DSM 5, 2014).

Em razão dessa aproximação com atividades de lazer as consequências destas substâncias muitas vezes são minimizadas ou passam despercebidas principalmente o consumo de álcool que socialmente é visto como positivo. Nesse caso um jovem universitário da área de saúde que frequenta atividades de lazer aliado ao padrão de consumo *binge drinking*, pode não só naturalizar essa prática, mas também não identificar precocemente dificultar e problemas associados ao uso de bebidas alcoólicas em seus pacientes, sendo assim prejudicando encaminhamento e tratamento (CHIAPETTI, 2007; LEMOS *et al.*, 2007). Além disso o uso social não é reprimido, de maneira oposta incentivado a manter o consumo (LOPES *et al.*, 2015). Diante disso este trabalho tem como finalidade evidenciar a prevalência e impactos da prática do *binge drinking* entre universitários.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, objetivando compreender os problemas ocasionados pelo uso de bebidas alcoólicas entre universitários atrelado a prática de *binge drinking*. Para tanto realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico nos bancos de dados em artigos encontrados no site do Google

Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e livros, os bancos de dados online foram SciELO, PubMed e PePSIC. As principais pesquisas filtradas foram as que tratavam do *binge drinking* especificamente entre universitários, e dos impactos causados por essa prática. Além disso, foi dado ênfase as pesquisas que utilizavam o AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*), instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para rastreamento e classificar consumo de álcool (MÉNDEZ *et al.*, 1999). Adotou-se este procedimento de restrição do AUDIT para não haver interferência de resultados estatísticos associado a instrumentos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dependência alcoólica e um quando multifatorial isso significa que existidiversos fatores envolvidos em sua causa e manutenção. Alguns critérios são definidos no DSM 5 para seu diagnóstico, por exemplo, desejo incontrolável do consumo, além disso com doses cada vez maiores para alcançar os efeitos desejados, perda do controle do tempo de consumo pretendido e quantidade, aumento da duração para recuperação dos efeitos do álcool, desenvolvimentos de problemas interpessoais, diminuição do desempenho em atividades profissionais e mesmo com repercussões negativas em sua vida provocadas pelo álcool o sujeito persiste com o consumo. Por outro lado, o padrão de uso *binge drinking* é constatado quando o sujeito consome bebida alcoólica excessivamente em um único momento ou dia, sem a existência de um quadro patológico, no entanto isso não significa que esse comportamento está imune de riscos e problemas, segundo Jennison (2004) este padrão de consumo não só gera problemas a curto prazo, como também a logo prazo já que são propensos a abuso e dependência após 10 anos. Tal situação é preocupante em razão das consequências negativas inerente a problemas provocados pela prática do *binge drinking*, e possibilidade do desenvolvimento de dependência e outros problemas de saúde a longo prazo.

A definições entre beber de maneira ocasional e patológico na atualidade é uma questão que deve ser investigada em razão do uso ocasional ser mais frequente e também estar cada vez mais relacionado a práticas de *binge drinking*, esse termo pode ser definido como “beber episódico pesado” (NUNES *et al.*, 2012). Contudo, há evidências de riscos dessa prática em virtude que “beber pesado” em situações ocasionais ter se tornado frequente entre homens e mulheres, tendo como consequências problemas aproximados a dependência (GOMES, ALVES; NASCIMENTO, 2010 NUNES *et*

al., 2012; PEUKER, FOGAÇA; ARAUJO, 2006). Segundo a *National Institute on Alcohol and Alcoholism* (NIAAA) a quantidade estabelecida por essa prática é de cinco ou mais doses de bebidas alcoólicas por homens e quatro ou mais por mulheres e relativo a concentração alcoólica sanguínea, corresponde a aproximadamente 80 mg/dl (0,08%) no indivíduo adulto (NIAAA, 2005).

O instrumento AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*) foi utilizado para identificação de *binge drinking* e uso problemático no intervalo de 12 meses, a pesquisa foi composta por uma amostra de 238 universitários do curso de medicina e fisioterapia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foram evidenciados que 42,6% entre os homens e 24,8% das mulheres aderem a prática de *binge drinking* e 30,6% dos homens e 14,6% das mulheres fizeram um uso problemático de álcool (FACHINI; FURTADO, 2013).

Outra pesquisa com metodologias similar utilizando o AUDIT para avaliar prevalência de *binge drinking* e problemas associados nos últimos 12 meses, apresentou resultados inferiores. A pesquisa obteve participação de 255 universitários de Odontologia de uma Faculdade Privada, na cidade de Teresina – TI, a prevalência de casos de *binge drinking* foi de 18,4% (n = 47) sendo do sexo masculino 12,9 % (n = 33) e o sexo feminino 5,5% (n = 14) (SARAIVA; MAIA FILHO, 2016). Além desses dados a referida pesquisa sobre a prática do *binge drinking* esteve estatisticamente relacionada a atividades perigosas, como dirigir após consumo de álcool e desfechos indesejáveis, envolvimento em acidentes de trânsito, brigas e problemas com a lei. Estes dados preocupam alguns pesquisadores especificamente relacionado a amostra de universitários da área de saúde, uma vez que está conjuntura poderá influenciar de forma negativa suas futuras ocupações profissionais de prevenção, reabilitação e promoção da saúde (PICOLOTTO *et al.*, 2010). Além disso autores esclarecem que apesar desta população supostamente conhecer os efeitos provocados pelo uso de bebidas alcoólicas o consumo ocasional e recorrente nesta população (PEUKER; FOGAÇA; ARAUJO, 2006; RIOS *et al.*, 2008).

Dados recentes comprovam essa prática, foi aplicado o questionário AUDIT em uma amostra de 291 estudantes de medicina, sendo 145 estudantes do sexo masculino e 146 do feminino, o *binge drinking* esteve presente em 48,5 % da amostra sendo 31,0% desta prática entre homens e 18% em mulheres (MAIA, MARQUES; MAIA FILHO, 2017).

Apesar de as pesquisas entre universitários demonstrar que a ingestão de bebida alcoólica é maior entre os homens do que as mulheres,

o consumo entre esse grupo tem uma tendência a aumentar (ANDRADE, 2010). Foram aplicados 865 questionários AUDIT em mulheres da área de saúde especificamente do curso de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição de duas universidades em Aracaju - SE, o *binge drinking* foi identificado em 48,0% (n = 374) das estudantes entrevistadas com  $\geq 4$  doses, além disso foram relatados  $\geq 10$  doses em 13,4% (n = 115), e  $\geq 15$  doses em 5,5% correspondendo a (n = 47) universitárias (MENDONÇA *et al.*, 2018). Além disso a referida pesquisa identificou 16,4% de comportamentos de riscos associados a prática do *binge drinking*, como envolvimento em problemas com a lei, brigas com agressão física; uso de energéticos com álcool; dirigir alcoolizada e pegar carona com motorista alcoolizado.

Além disso, sobre essa população é importante ressaltar que as mulheres são mais vulneráveis que os homens ao consumo de bebidas alcoólicas levando em consideração a mesma quantidade ingerida devido ao menor peso e maior proporção de gordura corporal, como também pela menor capacidade de metabolismo hepático do etanol (OLIVEIRA *et al.*, 2012). Em função disso o estado agudo e transitórios de confusão mental, marcado por alterações da consciência em decorrência da intoxicação alcoólica e mais acelerado nas mulheres sendo assim havendo uma maior probabilidade do desenvolvimento de problemas associados a prática do *binge drinking*. Por exemplo o *binge drinking* com prevalência de 48,5% entre estudantes de medicina, esteve associado a dirigir após beber 37%, envolvimento em acidentes de trânsito 14%, baixo desempenho acadêmico 16%, perda de atividades na universidade 22%, e 2% envolvimento com brigas e/ou problemas com a lei (MAIA, MARQUES; MAIA FILHO, 2017).

No que se refere a problemas associados a esse padrão de consumo, no norte do estado de Minas Gerais 474 estudantes universitários da área de saúde relataram 15,6% de prevalência de prática de *binge drinking*, sendo identificados, um percentual de 8,0% de envolvimento de problemas com a lei, e 20% declararam já ter pegado carona após ingerir bebida alcoólica e 7,5 % declararam perder atividades na universidade (NUNES *et al.*, 2012). Outra pesquisa realizada na mesma região do norte de Minas Gerais apresentou resultados próximos, a prevalência desta prática foi de 16,3% em uma amostra de 295 universitários da área de saúde além disso houve associações ao não comparecimento às atividades da instituição de ensino, baixo desempenho acadêmico e ao envolvimento em brigas ou eventos fora da lei (CARDOSO *et al.*, 2015).

Estudo comparativo de problemas entre universitários que relataram *binge drinking* com graduando que consumiram bebidas alcoólicas sem *binge drinking* também foram alvo de estudo. O uso da internet foi utilizado na metodologia de coleta dos dados, entre 2.408 universitários o AUDIT identificou 51,6% prática de *binge drinking*, nesse grupo a frequência de problemas foram significativamente maior, em dirigir após ter consumido, pega carona, problemas acadêmicos nas relações amorosas, sexo sem prevenção, brigas etc (BEDENDO *et al.*, 2017). É importante destacar que essa metodologia de coleta de dados online atenua a expressão de constrangimento, refletido no relato do uso de álcool, além disso é natural resultados distintos em populações com culturas distintas (TAYLOR; LUCE, 2003).

A questão de riscos e ocorrência de situações indesejadas associadas ao uso de bebidas alcoólicas atrelado ao *binge drinking* é bastante evidenciada em várias outras pesquisas, como riscos em atividades sexuais sem prevenção, dirigir alcoolizado, pegar carona, gravidez não planejada, infecções e transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, uso de tabaco, tentativa de suicídio e dificuldades acadêmicas (PARK; GRANT, 2005; SHEFFIELD *et al.*, 2005; WECHSLER *et al.*, 2002; WINDLE, 2003). Especificamente a questão de violência e acidentes associado ao consumo de bebidas alcoólicas são preocupantes tendo em vista não só possibilidade de provocar sequelas irreversíveis ao usuário, como também danos que se estendem as pessoas a sua volta, principalmente associados ao uso de bebidas alcoólicas no trânsito.

No que se refere ao uso de bebidas alcoólicas pode-se concluir que o consumo ocasional atrelado a prática de “beber pesado” podem ter repercussões sociais, econômicas e de saúde semelhantes a dependência. Conseqüentemente essa conjuntura favorece para o surgimento de problemas associados ao consumo de álcool, mesmo sem a existência da dependência alcoólica.

## CONCLUSÃO

Apesar de sua ampla aceitação social, o consumo prolongado de álcool em situações de lazer mesmo ocasional pode ter repercussões negativas na vida do sujeito. Este estudo colocou em evidência as conseqüências da prática do *binge drinking* entre universitários, nos quais se pode concluir que mesmo sem a existência de uma dependência o consumo pesado de álcool durante uma noite pode ocasionar prejuízos

físicos, envolvimento em acidentes, intoxicação aguda e problemas pessoais. Dessa forma a prática de *binge drinking* entre universitários e caracterizado como um problema de saúde pública, visto que representa riscos para usuários e sociedade. Além disso, pode-se concluir que apesar da população de universitários da área de saúde conhecer os efeitos provocados pelo consumo de bebidas alcoólicas a prática de *binge drinking* é recorrente nesse grupo. Desta forma, sugere-se futuras estratégias educacionais de intervenções preventivas voltado a população de universitários da área de saúde.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ANDRADE, Arthur Guerra de; DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; OLIVEIRA, Lucio Garcia de. **I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2010.

BARROS, D. R. *et al.* O Despertar do Toxicômano: uma experiência em grupo. **Toxicomanias: Prevenção e Intervenção**, p. 153-163, 2008.

BEDENDO, André *et al.* *Binge drinking*: padrão associado ao risco de problemas do uso de álcool entre universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, p. 2925, 2017.

CALADO, Vasco Gil. Novas Substâncias Psicoativas. O caso da salvia divinorum. **Journal of Drug Education**, v. 38, p. 3, 2013.

CAPISTRANO, Fernanda Carolina *et al.* Impacto social do uso abusivo de drogas para dependentes químicos registrados em prontuários. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 3, 2013.

CARDOSO, Fernanda Mourão *et al.* Fatores associados à prática do binge drinking entre estudantes da área da saúde. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 2, p. 475-484, 2015.

CHIAPETTI, Nilse; SERBENA, Carlos Augusto. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, 2007.

DE ANDRADE GÓIS, Mariana Maiza; DO AMARAL, José Hamilton. O uso de drogas lícitas e ilícitas e suas consequências sociais e econômicas. **Etic-encontro de iniciação científica-ISSN 21-76-8498**, v. 5, n. 5, 2010.

DE CAMARGO, Rosângela Andrade Aukar; BUENO, Sônia Maria Villela. Lazer, a vida além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 490-498, 2003.

DE SOUZA, Ricardo Luiz. O uso de drogas e tabaco em ritos religiosos e na sociedade brasileira: uma análise comparativa. **Saeculum-Revista de História**, n. 11, 2004.



DUARTE, P. C. A. V. *et al.* Relatório brasileiro sobre drogas. **Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Justiça**, 2009.

FACHINI, Alexandre; FURTADO, Erikson Felipe. Alcohol use and drinking expectations among college students: analysis of sex differences. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 421-428, 2013.

FAGUNDES, Yuri Hugo Neves. Drogas na sociedade. **BIC-Boletim Informativo Criminológico**, v. 1, n. 1, p. 93-103, 2016.

GOMES, Betânia da Mata Ribeiro; ALVES, João Guilherme Bezerra; NASCIMENTO, Lucila Castanheira. Consumo de álcool entre estudantes de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 706-712, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**, IBGE, 2015.

JENNISON, Karen M. The short-term effects and unintended long-term consequences of binge drinking in college: a 10-year follow-up study. **The American journal of drug and alcohol abuse**, v. 30, n. 3, p. 659-684, 2004.

LEMONS, Kleuber Moreira *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). **Rev psiquiatria clínica**, v. 34, n. 3, p. 118-24, 2007.

LOPES, Ana Patrícia Araújo Torquato *et al.* Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 20, n. 1, p. 22-30, 2015.

MAIA, Danniell Araujo Martins; MARQUES, Rosemarie Brandim; MAIA FILHO, Antonio Luiz Martins. Consumo de bebidas alcoólicas e a prática do *binge drinking* em acadêmicos de medicina. **Revista Interdisciplinar**, v. 10, n. 1, p. 139-146, 2017.

MARTINS, Daniel; VALENTE, Helena; PIRES, Cristiana. CHECK! NG: A última fronteira para a Redução de Riscos em contextos festivos. **Saúde e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 646-660, 2015.

MÉNDEZ, Eduardo Brod *et al.* Uma versão brasileira do AUDIT- Alcohol Use Disorders Identification Test. **Pelotas: Universidade Federal de Pelotas**, p. 69, 1999.

MENDONÇA, Ana Karina Rocha Hora *et al.* Consumo de álcool e fatores associados ao *binge drinking* entre universitárias da área de saúde. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 1, 2018.

NUNES, Jaceilde Mendes *et al.* Consumo de bebidas alcoólicas e prática do *binge drinking* entre acadêmicos da área da saúde. **Revista de psiquiatria clínica**, v. 39, n. 3, p. 94-9, 2012.

OLIVEIRA, Graciele Cadahaiane de *et al.* Consumo abusivo de álcool em mulheres. 2012.

PARK, Crystal L. Positive and negative consequences of alcohol consumption in college students. **Addictive behaviors**, v. 29, n. 2, p. 311-321, 2004.

PEUKER, Ana Carolina Wolf Baldino; FOGAÇA, Janaína Lima; ARAUJO, Lisiane Bizarro. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília**. v. 22, n. 2, p. 193-200, maio./ago. 2006.

PICOLOTTO, Eduardo *et al.* Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias

psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. **Ciência & saúde coletiva**, v. 15, n. 3, p. 645-654, 2010.

PULCHINELLI JR, A. *et al.* Abuso e Dependência dos Opioides e Opiáceos, 2012

RIOS, Polianna Alves Andrade *et al.* Consumo e uso abusivo de bebidas alcoólicas em estudantes universitários do município de Jequié/BA. **Saúde. com**, v. 4, n. 2, 2008.

SARAIVA, Simony dos Santos; MAIA FILHO, Antônio Luiz Martins. Consumo de bebidas alcoólicas e prática do *binge drinking* entre acadêmicos de Odontologia de uma IES. **Revistas**, v. 72, n. 1/2, p. 104, 2016.

SHEFFIELD, Felicia D. *et al.* Binge drinking and alcohol-related problems among community college students: implications for prevention policy. **Journal of American College Health**, v. 54, n. 3, p. 137-141, 2005.

TAYLOR, C. Barr; LUCE, Kristine H. Computer and Internet based psychotherapy interventions. **Current directions in psychological science**, v. 12, n. 1, p. 18-22, 2003.

US DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES *et al.* **Helping patients who drink too much: a clinician's guide**. National Institutes of Health. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. NIH Publication, n. 07-3769, 2005.

WECHSLER, Henry *et al.* Trends in college binge drinking during a period of increased prevention efforts: Findings from 4 Harvard School of Public Health College Alcohol Study surveys: 1993–2001. **Journal of American college health**, v. 50, n. 5, p. 203-217, 2002.

WINDLE, Michael. Alcohol use among adolescents and young adults. **Population**, v. 45, n. 5.9, p. 19-15, 2003.

ZANELATTO, Neide A.; LARANJEIRA, Ronaldo. **O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas**. Artmed Editora, 2009.